



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**FRANCYHARLLE DA SILVA FERNANDES**

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA NAS OBRAS “A COR DA  
TERNURA” E “FELICIDADE NÃO TEM COR”.**

Campina Grande-PB  
2018

**FRANCYHARLLE DA SILVA FERNANDES**

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA NAS OBRAS “A COR DA  
TERNURA” E “FELICIDADE NÃO TEM COR”.**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do Título de Especialista.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Anne Micheline Souza Gama

Campina Grande-PB  
2018

## RESUMO

Esse trabalho objetiva uma leitura das obras *A cor da ternura* e *Felicidade não tem cor* quanto às questões étnico-raciais nelas representadas. Constatamos que na sociedade atual ainda nos deparamos com ações racistas e excludentes com relação ao negro em nosso país, e no espaço escolar não é diferente. Enquanto uma forma de discurso presente na sociedade, a literatura pode ajudar a tornar claros problemas relativos à vida, por meio de uma linguagem figurada e emocional refletindo sobre a realidade. Para esse trabalho, realizamos revisão bibliográfica e nos utilizamos do método comparativo, possibilitando uma leitura das obras, com apoio de um referencial teórico voltado para as questões de literatura, ensino, etnia negra e sociedade. O foco está em compreender como nestas duas narrativas estão postas questões em torno do negro a nossa sociedade. Isso porque toda uma construção historicamente racista resvala nas crianças e principalmente no ambiente escolar impondo separação e consequências para a construção enquanto indivíduo social.

Palavras-Chaves: Literatura Infanto-Juvenil. Representação negra. Ensino.

## ABSTRACT

This work aims at a reading of the works *the color of tenderness and Happiness has no color* as to the ethnic-racial issues represented there. We find that in today's society we are still faced with racist and exclusionary actions in relation to the Negro in our country, and in the school space it is no different. As a form of discourse present in society, literature can help to make clear problems related to life, through figurative and emotional language reflecting on reality. For this work, we carried out a bibliographical review and used the comparative method, allowing a reading of the works, with the support of a theoretical reference oriented to the issues of literature, teaching, black ethnicity and society. The focus is on understanding how in these two narratives questions are put around the black to our society. This is because a whole historically racist construction slips in children and especially in the school environment imposing separation and consequences for the construction as a social individual.

Keywords: Children and Youth Literature. Black representation. Teaching.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o período colonial e escravocrata brasileiro, o racismo foi se consolidando na construção de um estereótipo negativo do negro, estigmatizando o seu valor e perpetuando essa visão de que o negro é referência de trabalho pesado onde não se usa inteligência apenas a força e sempre relacionando as suas características físicas a exploração de sexo ou animalesco e suas crenças como diabólicas. No Brasil, cerca de 78.9% da população negra está mais suscetível a sofrer violência e 54% da população é de pretos ou pardos. Assim, constatamos que essa população negra merece uma atenção que lhe foi negada, sendo necessários dispositivos de combate e mudança dessa realidade garantindo que os negros em nosso país se sintam representados.

Nesse contexto, a lei 10639/03, que tornou obrigatório o ensino da História da África pensando “a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil”, surge como um desses dispositivos legais que visam à mudança no cenário da educação. Observamos que a educação no Brasil é voltada para o eurocentrismo, onde somente o colonizador branco vindo da Europa, tem voz e representatividade, de forma que toda a história dos demais grupos étnicos – negro e indígenas - é contada pelo europeu e trazida esta visão para a escola como unívoca da História.

Pensando a educação de forma justa e inclusiva é que nos inquietamos para o estudo de literaturas que positivam a imagem da criança e do adolescente no ambiente escolar que tem sido tão separatista e preconceituoso. O presente estudo teve como base a leitura, interpretação e comparação das obras *A cor da ternura* (1989) e *Felicidade não tem cor* (2002) de Júlio Emílio Braz, que trazem como tema central dificuldades encontradas por crianças negras, refletindo o racismo, em especial, quando este aparece em fase primária na vida dos indivíduos, na infância e no espaço escolar. Nos romances de literatura infanto-juvenil, em separado tem-se uma busca constante pela identidade. E não podemos deixar de observar a visibilidade

que a lei 10.639 uma lei de 2003 deu a essas obras contando que a exemplo de *A cor da ternura* tem a sua primeira edição em 1989 e só ganha voz e espaço de discussão científica e acadêmica após a obrigatoriedade da lei.

Um dos pontos de interesse e justificativa pela escolha das obras supracitadas está no fato destas levarem em consideração o contexto das crianças negras no âmbito social e escolar. Ambas abordam situações de reflexões sobre o tratamento que essas crianças têm na escola como exclusão, solidão, isolamento, com reflexos centrados no preconceito e a discriminação racial, que são muito frequentes no país. Percebe-se que os personagens são agentes de uma discussão em torno da diversidade. Assim, a identidade de cada uma das personagens é formada no ambiente familiar, primeiramente, e depois na escola, ou seja, há a presença de um “eu” e este “eu” é formado a partir do outro.

Em função do interesse em compreender ambas narrativas, para esse trabalho, adotamos o método comparativo. A literatura comparada vem sendo acrescida ao ambiente literário desde o seu surgimento no século XIX. Estabelecer diálogo entre as obras mostra que a literatura comparada não é uma simples comparação, mas um estudo que analisa cultura e autores distintos.

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que pertençam a várias línguas ou várias culturas, façam parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los (CARVALHAL, 1992, p. 31).

As obras literárias são importantes em todos os períodos, não apenas na sua origem, trazendo assim significância para qualquer grupo que a produz. Segundo Carvalhal (1992), elas contribuem para esclarecer os fenômenos estilísticos e literários entre si. O método comparativo literário é de grande importância para compreender melhor o objeto de estudos e alcançar o objetivo da pesquisa com mais facilidade.

Quando trazemos os temas dos livros para o cenário educacional, está se evidenciando um dos maiores desafios impostos pela educação: a exclusão de pessoas negras. Temos em nossa sociedade representatividade marcante das matrizes raciais, no entanto nos deparamos com uma excludente classe de pessoas e, conseqüentemente, ocasionando a desigualdade social.

A ênfase está em verificar o quanto a literatura educa e consiste num espaço de discussão sobre as relações étnico-raciais e que a partir desta é possível empreender discussões na escola, sobre a cultura afro-brasileira e as relações raciais no contexto da diversidade no sentido de empreender discussões sobre o preconceito, a discriminação, as diferenças numa perspectiva antirracista que vise a promoção da igualdade racial. Este estudo tem como fundamentação teórica estudos como Nogueira (2002), Carneiro (2003), Oliveira (2000), dentre outros, que dialogam com os apontamentos aqui apresentados.

## 2. PRECONCEITO E RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A caminhada do negro para conquista de direitos e reconhecimento advém de anos de lutas. Atualmente, as manifestações de racismo e preconceito contra a pessoa negra ocorrem de maneira implícita, em caráter de covardia, sem direção certa e muito menos direta. Porém o que não muda são os objetivos que essas hostilidades possuem ao colocar o negro em nível de inferioridade. O que vai ao encontro do respeito e do reconhecimento da diversidade.

Com o desejo de compreender as relações étnico-raciais presentes no Brasil, precisamos compreender a conjuntura social e cultural, associado às ideias sobre raças que afloraram e espalharam suas convicções. Segundo Nogueira (2002)

Entre os séculos XIX e XX, na sociedade brasileira, o racismo nasce e se consolida como um dos instrumentos mais eficazes de regulamentação e controle das formas de convivência e das inúmeras relações humanas. Aqui o racismo se conformou como ideologia e se materializou na cultura, determinando comportamentos e valores de uma forma inusitada nas organizações e nos indivíduos. É um caso ímpar no mundo (NOGUEIRA, 2002, p.13).

Apesar de debate em torno do racismo não ser uma pauta frequente entre os brasileiros, é perceptível que o preconceito em torno dos negros e seus descendentes é bem presente na história do Brasil, em especial quando se relembra a escravidão, e, posteriormente, as poucas ou inexistentes políticas assistencialistas para a integração desses indivíduos na sociedade. O racismo se mistura a diversas preocupações políticas, culturais e sociais de forma que transforma o fenômeno em algo catastrófico na vida de quem se vê no meio dele, fator capaz de inibir a capacidade de desenvolvimento da pessoa negra e, conseqüentemente, de sua sobrevivência e convivência digna em sociedade. É válido ressaltar o que afirma Carneiro (2003):

O negro e o mestiço dificilmente conseguiam igualar-se ao homem branco. O "mundo da senzala" sempre esteve muito distante do "mundo da casa grande". Para alcançar pequenas regalias, fosse como escravo ou como homem livre, os descendentes de negros precisavam ocultar ou disfarçar seus

traços de africanidade, já que o homem branco era apresentado como padrão de beleza e de moral (CARNEIRO, 2003, p.15).

Conforme dito na citação acima, historicamente sempre houve uma preocupação quanto à aceitação dos negros, uma vez que, para que fossem/sejam aceitos por todos, foi/é preciso que alguns traços afrodescendentes sejam ocultados, afim de que, apenas assim torna-se possível alcançar algum benefício.

O que se deve destacar é o fato de não podermos negar que os negros contribuíram com seu suor e sangue para a formação e crescimento econômico do país, possibilitando com seu trabalho escravo às condições de prosperidade. Contudo, as elites, tidas como “donas” dos negros, foram os principais responsáveis pelo marco do racismo, fazendo com que fosse propagada a subjugação do povo negro.

Preso aos traços da escravidão, o povo negro (com algumas exceções) ainda enfrenta dificuldades para ser inserido no mercado de trabalho, sem que tenha sua mão de obra explorada e claramente desvalorizada. Outro ponto de ênfase está arraigado no estereótipo de beleza e qualificação associado ao homem branco. Diante de pensamentos desse tipo, é que surge o racismo, e, por consequência, o preconceito para com as pessoas negras que derivam desde a falta de oportunidade à atos violentos e desrespeitosos. Ao refletir acerca do racismo no Brasil, Carneiro (2003) afirmou que:

O racismo pode atingir diferentes graus de intensidade: vai de um simples pensamento até os casos mais extremos, de agressão física, por exemplo [...]. Assim, o preconceito contra os negros e seus descendentes gera antipatia, chegando ao extremo de haver violência, como apontado pela estudiosa. Diariamente, pode-se aferir essa intolerância a partir das notícias veiculadas nos jornais e outras mídias brasileiras, que comprovam o racismo entre os brasileiros (CARNEIRO, 2003, p.62).

Percebe-se, então, que o racismo assume muitas vertentes e tem sido presenciado e noticiado diariamente na mídia. Observa-se que o racismo e o preconceito estão intimamente relacionados com a desigualdade entre cidadãos, em especial, quando as elites brancas persistem em usar de sua situação econômica para estimular a exclusão dos negros, fomentando a



perpetuação dessa cultura preconceituosa. Bem como, a inexistência de oportunidade e de formação para os negros quando do período pós-libertação, contribuiu para a demora de muitos em poderem assumir a direção de suas vidas e de suas ações com dignidade. Para muitos da população negra restou submeterem-se às condições de exploração, marginalização, desvalorização e exclusão.

Após anos de lutas e miscigenação entre as camadas sociais brasileiras, verifica-se ainda a envergonha do preconceito contra os negros ou seus descendentes. Não é raro se ouvir brincadeiras de mau gosto que denotam a expressão do racismo. Situações estas que deveriam ser evitadas, pois, o instinto violento na qual são proferidas podem afetar o envolvimento social ou psicológico. Ao discutir sobre brincadeiras e piadas feitas sobre os negros na sociedade brasileira, Valente (1987, p.24) caracterizou que "elas traduzem que os negros na sociedade brasileira não são respeitados. São considerados ignorantes, raça inferior, sujos e perigosos".

Com efeito, interpretar-se que as "brincadeiras" são na verdade formas isoladas de preconceito e racismo. Denis de Oliveira (2000) assinala que:

A ideologia do racismo manteve a sua estrutura fundamental, só alterando as formas da sua manifestação. No período da escravidão, os negros eram sem alma, eram não humanos, portanto passíveis de serem tratados de forma desumana; na transição da escravidão para o assalariado (sic), os negros eram incompetentes para trabalhar no novo sistema de contratação, portanto passíveis de serem excluídos do mercado formal de trabalho; em seguida, os negros tinham como alternativa de inserção social a assimilação dos valores brancos inclusive pelo mascaramento de características visíveis da sua origem via miscigenação (OLIVEIRA, 2000, p.83-84).

Diante do exposto, observar-se que o negro buscou diariamente formas para vencer as situações que o maltratavam ou destrutavam, derivadas exclusivamente de sua cor, e, como possibilidade de ser aceito, acabou por aceitar as várias imposições sociais, inclusive a de se assimilar o máximo possível os valores do homem branco, às vezes, em detrimento dos próprios.

A realidade do preconceito não é somente uma verdade fora do ambiente escolar, mas algo reconhecível também na escola, sendo este um espaço almejado de todas as crianças até que chegam nele e se frustram por muitos motivos, porém, aqui procuramos entender os motivos pelos quais a criança negra não se sente incluída no espaço educacional com relatos feitos nas obras aqui referenciadas de Geni Guimarães e Júlio Emílio Braz, sendo o embranquecimento da escola o motivo mais latente pelo qual os negros se distanciam do processo ensino/aprendizagem, gerado pela não identificação com seus ancestrais e pelas histórias que retratam os mesmos como subalterno, sendo sempre analisado pelo olhar do colonizador e sem a menor representativa heroica, positiva ou como autor de sua própria história.

O caráter elitista do sistema educacional brasileiro manteria a maioria da população negra à margem da escolarização durante décadas. Apenas a partir dos anos 1970, com a democratização do acesso à educação básica, a tendência histórica da exclusão começaria a ser revertida. A expansão da rede pública de ensino possibilitaria aos estudantes das classes populares e aos negros a aquisição de um bem cultural até então monopolizado pelas elites (CUNHA, 1989, p.135).

Cunha aponta na democratização do ensino a esperança para a inclusão do negro, o que não se tornou uma verdade. Mesmo o ensino democratizado continuou sendo um lugar de pouca ou talvez nenhuma identificação e representatividade. Os professores, que deviam ser agentes dessa mudança, na verdade quando questionados pouco sabem a respeito e só trabalham na perspectiva de dar continuidade à educação já existente que funciona de forma excludente, sendo esses profissionais, amiúde, orientados pelo senso comum, o que é uma deficiência que vem desde as suas licenciaturas, pois recebem uma formação limitada no que tange as questões raciais e sociais no combate às desigualdades e na tentativa de desfazer os estereótipos já impostos historicamente. Reorganizar a imagem do negro desvinculando a sua cor do papel de escravo e coitado é uma tarefa que deve ser iniciada na escola a partir de obras que abordem o tema, por uma ótica heroica e de protagonismo.

A educação tem a finalidade de discutir e criar novos valores que contribuem para a formação de uma sociedade mais justa

e igualitária. É necessário a partir dessa perspectiva, definirmos estratégias de ensino que possibilitem repensar os lugares sociais, os estereótipos, os padrões de beleza, a história e a identidade associados aos afrodescendentes (AGUIAR, 2011, p.43).

Para contribuir e valorizar com uma sociedade que respeite e valorize a pessoa humana, devemos repensar o nosso modelo de educação que diante dessa problemática vem sendo ineficaz no combate ao racismo e na afirmação identitária, porque professores quando utilizam literatura em sala, utilizam literaturas que representam de forma latente, negativa e normal a negação da identidade negra como são exemplos obras de Monteiro Lobato.

Em um diálogo do livro, *Reinações de Narizinho*, obra de Monteiro Lobato, é possível constatar o estigma estético, quando Lobato fazia referência ao beijo de Tia Nastácia, animalizando-a [...] A personagem Tia Nastácia é bastante hostilizada, às vezes, pode até ser tratada como membro da família, no entanto, a cozinha é seu habitat natural, e é chamada de negra de estimação, o que reforça a sua inferioridade e a teoria de que negros só ocupam os papéis de serviços, malandros, dignos de piedade (SILVA, 2010, p. 29).

Esse era exclusivamente o tipo de literatura a qual uma criança negra tinha acesso em sala, e isso não significa um ataque ou desmerecimento das obras de Lobato, nós entendemos que foram obras feitas dentro de uma realidade com uma visão somente racista, mas a nossa crítica está pautada na falta de acesso por parte dos alunos e conhecimento de outras obras por parte dos professores das muitas literaturas com um foco antirracista e essa realidade se confirma em muitos espaços pós escola, deixando a impressão de que a escola não é lugar pra negro, que na verdade esses devem ocupar os cargos aos quais não se precisa estudar, raciocinar, se preparar ou receber salários dignos, fazendo com que os mesmo não se sintam pertencentes à educação, mas tão somente ao trabalho.

### 3. REPRESENTAÇÕES DA CRIANÇA NEGRA NAS OBRAS A COR DA TERNURA E FELICIDADE NÃO TEM COR.

Considerando a literatura como uma forma de conhecimento do mundo e da vida, é compreensível que nenhum assunto a ela é avesso, por isso não poderia esta deixar de tratar de questões étnico-raciais. Sendo assim, nosso interesse neste estudo está em verificar o modo de representação das questões étnico racial nas obras da literatura infantil *A cor da ternura e Felicidade não tem cor*.

Começando pelo livro de contos *A cor da ternura* (1989) o mesmo é de autoria de Geni Guimarães, professora, poeta e ficcionista, publicou obras que refletem a preocupação com a cultura afro-brasileira, traz para a nossa literatura um novo modo de ver e pensar a representação do negro em suas obras sempre dando início as mesmas com questionamentos identitários, mas no desenrolar sempre mostrando que os personagens de suas obras conseguem se afirmar e conquistar espaço.<sup>1</sup> Escreveu ainda poemas em jornais e contos para a Revista Cadernos Negros.

-Mãe, a senhora gosta de mim? –Ué, claro que gosto, filha. -  
Que tamanho? –Perguntava eu.  
Ela então soltava minha cabeça, estendia os braços e respondia sorrindo: -Assim.  
Eu voltava ao peito, fechava os olhos e mamava feliz. Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar uma amor além da extensão dos braços dos seus braços (GUIMARÃES, 1999, p.9).

Em *A cor da ternura* é mostrada a vida da personagem Geni. Desde criança ainda mamando na mãe até sua fase adulta conquistando o tão sonhado diploma. A obra *A cor da ternura* traz uma narrativa de livro de contos organizado em romance com uma distribuição concisa das palavras, com uma linguagem despretensiosa, apresentando cenas cotidianas em que os personagens vivem. Inclusive a obra apresenta o choque que causado a menina conhecer a história dos seus antepassados contada pelo seu povo e a

---

<sup>1</sup> Além da obra analisada podemos citar *Terceiro filho* (1979); *Da flor o afeto, da pedra o protesto* (1981); *Leite do peito* (1988); *Balé das emoções* (1993); *A dona das folhas* (1995); *O rádio de Gabriel* (1995); e *Aquilo que a mãe não quer* (1998). Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/29/geni-guimaraes-a-cor-da-ternura-da-literatura-negra/>> . Acesso: 01 dez 2018.

sua ancestralidade vista pela visão do colonizador narrativa que Geni só conhece na escola, no segundo ano, em um momento em que Geni vem se sentindo protagonista por ter sido aceita para recitar uma poesia escrita por ela mesma em um evento da escola.

Vi que sua narrativa não batia com o que nos fizera a vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. (GUIMARÃES, 1999, p.65).

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!

Está exposta a discriminação vivida pela menina pobre, de família grande e negra que, ao descobrir o feito da princesa Isabel ao abolir a escravatura, passou a admira-lá como santa, demonstrando que um paralelo com a vida das crianças das periferias brasileiras, que já nascem com obstáculos extras a serem superados, e já crescem fortes, pois são desde cedo expostas à violência física e psicológica causadas pelo racismo, não podendo encontrar outra saída senão enfrentar a vida de provações e provocações.

Estamos inseridos em um mundo onde a aparência física é fator principal para a conotação de êxito ou não, e com isso hierarquiza os indivíduos por meio não de qualificação humana, mas, em seus costumes, padrões e linguagens. Estas escolhas surgem aos olhos de quem não se enquadram com os padrões exigidos como um preconceito, que se estabelece por um por pensamento enraizado, do que é bom, positivo, bonito e dito normal, desta forma tudo o que fugir desse padrão é passivo de preconceitos.

Sendo então o preconceito um conceito formado sem antes ter seu embasamento necessário para compreender ou formar opinião sem cautela a partir do que não se conhece, assumindo ante seu conhecimento inóspito a

exclusão de alguns estereótipos que não condizem com sua opinião. O preconceito está explícito na não aceitação da menina principalmente em sala de aula, era refletida em sua insegurança e despreparo: "Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?" (GUIMARÃES, 1998, p.67).

A família mantinha a rotina de contação de histórias sobre seus descendentes, e com isso a criança detinha em sua mente o conhecimento histórico de seu povo negro, com ênfase na ausência do pai, tendo este aparecido na narrativa apenas quando a mesma já se encontrava encaminhada em sua vida social.

De novo, meu pai ficou em pé, desatou o nó da gravata e assumiu postura de rei. Para melhor me ouvir, esqueceu a etiqueta, fez conchas com as mãos e envolveu as orelhas. As formalidades todas terminaram. Fui até eles para voltarmos juntos. Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso (GUIMARÃES, 1998, p.59).

Notamos uma menina transformada em mulher, mas cheia de si, firme e confiante. Podemos ver também através do pai a alegria da família que com o sucesso da filha, a personagem Geni orgulha a sua família por desenhar para si um novo caminho antes não imaginado por sua família e os surpreende de forma positiva.

Contudo, o enredo de *A cor da ternura* aborda duas vertentes que inspiram cuidados na sociedade em que vivemos: a primeira diz respeito à discriminação racial associado à colocação da mulher e a segunda trata do papel que precisa assumir junto à perpetuação de sua espécie, muitas vezes, sendo a única responsável familiar. A obra evidencia a importância da mulher afrodescendente e os desafios que as impedem de caminhar e lograr êxito em sua vida. São temáticas pertinentes num livro publicado na década de 1980, todavia só agora vem ganhando prestígio e legitimidade principalmente com já citada lei 10.639/03.

Com relação à obra *Felicidade não tem cor* (2002) é de autoria Júlio Emilio Braz, escritor e ilustrador de História em quadrinhos e romances infanto-juvenis, começou a escrever ainda criança e na vida adulta foi muitas vezes premiado por suas obras e na televisão também se destacou escrevendo roteiros. Um de seus livros de maior destaque foi o *Saguairu* que deu a ele o prêmio Jabuti em 1989.<sup>2</sup> Em *Felicidade não tem cor* é narrada a história de Fael, um menino negro, que busca uma nova identidade e, por isto, sai a procura da fórmula da brancura que ele acredita estar com o astro pop Michael Jackson, por esta razão, ele acaba vivendo uma grande aventura.

Eu vou procurar o Cid Bandalheira. Ele vai me dar o endereço do Michael Jackson, e o Michael Jackson vai me ensinar a ficar branquinho como ele. –Meu pai disse que eu estava dizendo bobagem, mas eu não liguei, não! –Eu vou ficar branca como o Michael Jackson! (BRAZ, 2002, p. 33).

No romance infanto-juvenil *A felicidade não tem cor* é narrada a história de um menino que é altamente excluído por causa de sua cor. O preconceito que era remetido ao garoto Fael, que assim era chamado devido aos vários apelidos que era chamado, fazia com que o isolamento fosse à única possibilidade da criança, que só é conhecida por seus diversos “apelidos” que os outros alunos colocam e que só servem para desqualificá-lo enquanto pessoa. O verdadeiro nome do aluno só vem aparecer na página 13, fator preocupante tendo em vista que a criança precisa ser confiante e ter uma visão de mundo na construção de sua identidade, coisa que não estava acontecendo com Rafael.

A obra traz um inquietante questionamento que serve de alerta e cuidado para a escola enquanto possibilidade libertadora e transformadora fazendo com que os educandos sintam-se seguros, isso faz parte de uma

---

<sup>2</sup> Além de *Saguairu* (1989) e a obra analisada *Felicidade não tem cor*, o escritor tem mais de 100 obras publicadas entre HQ e romances. Em entrevista fala sobre predominar em seu trabalho questões étnicas e sociais desde a década de 80, quando começou com os quadrinhos, aponta que “pelo menos até meados da década de 1990, não existir muito material sobre o assunto e a discussão sobre africanidades se restringir aos estereótipos comuns vinculados às religiões de origem africana e todos os preconceitos e incompreensões que ainda as cercam; ao samba e ao futebol. Eu queria saber mais e, nesta busca, acabei colocando o que descobria e vivenciava em meus textos, seja nos quadrinhos, seja nos infanto-juvenis.” Disponível em: <https://conhecimentoliteratura.com.br/conheca-o-escritor-julio-emilio-braz/>. Acesso 01 de Dez de 2018.

educação cidadã, fato esse não identificado na leitura do texto. Como proposta pedagógica, a professora de Fael faz uma redação intitulada “*O que eu quero ser quando crescer*” (BRAZ, 2002, p.9) Diante disso, Fael, em sua ingenuidade, “*respondeu que queria ser branco*”, (BRAZ, 2002, p.9) a resposta do menino traz em si a problemática que o envolve no dia-a-dia a inaceitação de sua cor, a professora ao ouvir não sabia o que dizer nem como agir, uma vez que a mesma também o chamava de escurinho dando oportunidade para que os demais da turma também sentissem estimulados para continuar com os apelidos.

Esse escrito demonstra quanto o racismo é capcioso, revelando que a pessoa que deveria estimular para o combate aos ataques ofensivos (a professora) direcionados a cor da pele do menino, na verdade, se achava no direito de incentivar os demais alunos, contextualizando a necessidade de atenção quanto às implicações presentes no processo educativo e social de uma criança, que requer respeito às diferenças.

A anulação ao direito de uma criança quanto à inserção social e escolar pode derivar vários traumas e interferir em alguns aspectos da sua vida, um desses traumas Fael vive, o isolamento. Esse isolamento só se rompeu após, junto com seu imaginário próprio da infância, “Fael” encontrar uma boneca de sua cor e a fez de companheira, confidente e refúgio, e era esta boneca a única que o entendia e aceitava sua “condição de negro” que os outros fizeram ele acreditar que era diferente.

Assim como Fael, a boneca também se sentia excluída, pois a sua dona só brincava com bonecas brancas de olhos claros e cabelos loiros. O sonho do pequeno Fael era conhecer Michael Jackson, sendo este cantor se transformado e sua condição física inicial de negro para branco, e de acordo com as reflexões de “Fael” este detentor da fórmula mágica que o faria ser branco também.

Percebemos uma total falta de aceitação da criança devido a exclusão que a sociedade o impõe, a criança não era diferente e sim negra, não tinha



problema algum, mas o fizeram acreditar que tinha. Essa história nos leva a reflexão sobre de quantos “Fael” nesse mundo não estão passando por isso? E como profissional da educação o que posso fazer para modificar essa realidade?

Em diferentes circunstâncias os docentes contribuem para a modelagem de uma imagem positiva ou negativa dos negros. Em outros termos, em se tratando de discutir racismo como um tipo de violência, além do dito e percebido por diversos atores na escola, interessa também retratar silenciamentos (UNESCO, 2006, p. 205).

Mesmo diante de grandes dificuldades “Fael” teve a ideia de ir a uma rádio conseguir o endereço de Michael Jackson para, enfim, realizar seu sonho. Ao chegar nessa rádio, encontrou um locutor negro e limitado a uma cadeira de rodas. Recebeu do mesmo não o endereço do Michael Jackson, mas uma lição de vida e aceitação fazendo com que o menino identificasse sua importância e reconhecesse que a felicidade não tem cor.

O racismo não se trata de uma teoria científica, mas de um conjunto de opiniões pré-concebidas que tem como maior objetivo a valorização entre as diferenças biológicas entre os seres humanos, onde alguns acreditam serem superiores a eles devido a sua raiz racial. A existência das raças superiores e inferiores é justificada pela escravidão, onde alguns povos “os negros” eram comandados por outros grupos (SOUZA, 2009, p. 82).

Moscovici (1978, p.58) nos diz que a representação social funciona “como uma preparação para a ação, não sendo somente na medida em que guia o comportamento, mas na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio em que o comportamento teve lugar”. Fazendo ponte com o que as obras nos mostram, que somos produto do meio em que vivemos, modelados a partir do que nos é imposto, e por tanto, estando em uma sociedade preconceituosa as crianças representadas nas histórias, acreditavam que estavam fora dos padrões.

Ambas as obras trazem para reflexão, como aprendizado, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras e os impactos que a exclusão

causa, promovendo a inquietação para libertação de pensamento, a luta pela a igualdade entre os povos e, principalmente, o entendimento de que somos iguais e capazes independentemente de características físicas aparentes. Trazem o alerta que nos faz entender a escola como centro gerador de conhecimento e aceitação, uma vez que para os alunos opinarem será preciso ter contato, a leitura e interpretação de obras. Somente assim a escola terá uma função integradora, orientando o sujeito para uma educação cidadã, possibilitando o estímulo a um olhar crítico sobre o mundo que o cerca e a efetiva condição de inserir-se ao meio. As obras da literatura infantil, aqui apresentados, trouxeram enredos que acabam por pontuar temas relacionados à etnia e ao preconceito na sociedade, além da falta de aceitação por parte das crianças, o isolamento e exclusão.

Podemos apontar como distanciamento encontrado entre duas obras, o fato de que: em *A cor da ternura*, por meio do desenvolvimento pedagógico da escola, após um trabalho de conscientização da professora, a menina foi aceita, mesmo sendo a única garota negra da escola passou a ser enxergada e esse auxílio a ajudou a construir amizades e sentir-se segura no âmbito escolar. Ao passo que, na obra *Felicidade não ter cor*, o menino Fael continuava a ser desconsiderado, em especial pela professora em sala de aula, permitindo que houvesse continuidade de sua exclusão e enxurrada de preconceitos por todos que o cercavam. Assim, as obras apresentam mesmo que em situações opostas, interesses semelhantes na busca por problematizar as questões étnico-raciais objetivando de alertar e abordar em sala de aula tais questões tão pertinentes a nossa sociedade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos o objetivo do trabalho que foi compreender como nestas duas narrativas estão postas questões em torno do negro, compreendendo como o dia a dia de crianças negras é perpassado de desafios. Seus respectivos autores representam o negro em suas obras como personagens que enfrentam conflitos por causa da sua cor da pele, mas esses personagens sempre encontram uma maneira de dar a volta por cima no que diz respeito ao reconhecimento e aceitação.

Nos romances de literatura infanto-juvenil, em separado tem-se uma busca constante pela identidade. Já no romance *A cor da ternura*, a personagem Geni só toma consciência de sua identidade, de sua condição de ser negra, quando entra na escola. Em *Felicidade não tem cor*, o personagem Fael tem consciência do que é ser negro, diz à professora que quer ser branco, ele reafirma isso quando sai à procura do tal endereço do astro pop Michael Jackson.

A forma com que se pode vencer esses desafios é desenvolver nos alunos por meio educacional e interpretações flexivas, que estimulam a se reconhecer e construir sua identidade, possibilitando um processo de aceitação e valorização da pessoa humana e na construção de valores. O que identificamos foi que as qualidades pertencentes às pessoas negras, são desassociadas a sua imagem, que as esferas estereotípicas ultrapassam as características dos indivíduos, fazendo com que as desigualdades sociais apontem como recorrentes a ação preconceituosa e racista.

Conclui-se, então, acreditando que é dever de todas as instituições sociais buscarem atualização junto a suas práticas educacionais, onde sua metodologia seja pautado na forma de educar o cidadão, crítico e livre, capaz de reconhecer sua origem e orgulhar-se pelas suas raízes, impondo-se pelos seus valores, posturas, ideias, discursos e atitudes, pois, acredita-se que apenas assim será possível um avanço significativo das relações étnicos raciais. Agindo desta forma, a escola e sociedade, não compartilharão com a falta de acesso ao direito das crianças, dos jovens e dos adultos, brancos e

negros, de serem formados como seres humanos que respeitam as diferenças e valorizam a formação social do país.

Pensando assim é que se propõe o uso em sala de aula das obras literárias aqui analisadas - *A cor da ternura* e *Felicidade não tem cor* - ao trabalho em sala de aula como possibilidade de trazer aos alunos assuntos inerentes a observação da pessoa negra como ser social, mas, principalmente a necessidade de olhar o outro como é, aceitando-o e reconhecendo-o como pessoa.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Maria de Moura. **Dificuldades Escolares e o Desenvolvimento da Criança**. Revista Interação da Faculdade de Educação da UFG. n. 1-2, p. 61-66, jan./dez. 1992.

ALVES Martins, M., & Niza, I. **Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. **LEI Nº 10.639 DE 09 DE JANEIRO DE 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá providências. Brasília, DF: Presidência da República [2003]. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 07 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRAZ, E.J. **Felicidade não tem cor**. São Paulo: Editora Moderna. 2002.

CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na História do Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada** - 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 1992.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da Ternura**. São Paulo: FTD, 1998.

**GONÇALVES, Juliana**. Geni Guimarães: a cor da ternura da literatura negra. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/29/geni-guimaraes-a-cor-da-ternura-da-literatura-negra/>>. Acesso: 01 dez 2018.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**. Vol. 8, parte A, 2011. Disponível em: - <http://www.uel.br/pos/letras/EL> acesso em 01 de dezembro de 2018.

NOGUEIRA, J.C. Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial e Popular – Série **Pensando o Negro em Educação**. Florianópolis: Editora Atilénde (Núcleo de Estudos Negros). 2002.

OLIVEIRA, Denis de. **Globalização e Racismo no Brasil**. São Paulo: Unegro, 2000.

ROSA, Franco de. **Conheça o escritor Júlio Emílio Braz**. (entrevista). Disponível em: <https://conhecimentoliteratura.com.br/conheca-o-escritor-julio-emilio-braz/>. Acesso 01 de Dez de 2018.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. 2010. 78p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, José; **Cultura afro brasileira patrimônios culturais africanos nos currículos escolares: breve memória de lutas por uma educação antirracista**. In:Guimes Filho e Perón Cristina. (org.). Racismo e educação: contribuições para a implementação da lei 10.630/03. Minas Gerais: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

SOUZA, Luciana. **Significado do ser branco: a brancura no corpo e para além dele**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação/ Universidade de São Paulo, 2009.

UNESCO, **Cotidiano das escolas entre violências** / Coordenador por Miriam Abramovay. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005/2006.

VALENTE, Ana Lucia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008.